

16 Anos, Mil Sentimentos: A Jornada da Empatia Juvenil

Thauanny de Sousa Silva¹, Laura Aguiar Borges Leal²,
Deusine Cristianne Borges Aguiar Mendes³

¹Estudante do Curso Técnico em Biotecnologia Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: thauanny.silva@estudante.ifto.edu.br

²Estudante do Curso Técnico em Biotecnologia Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: laura.leal@estudante.ifto.edu.br

³Docente do Curso Superior de Gestão da Produção Industrial – IFTO. Orientadora. e-mail: deusine.mendes@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

"Aos 16 anos, os adolescentes estão em um estágio crucial de desenvolvimento moral, no qual começam a entender melhor as emoções e perspectivas dos outros. A empatia, nesse contexto, não é apenas uma habilidade emocional, mas uma etapa fundamental para o aprimoramento das relações interpessoais e do comportamento ético" (PIAGET, 1979).

Segundo Gardner (1993), a empatia é uma habilidade essencial da inteligência interpessoal, que contribui para o equilíbrio das interações humanas e para a promoção de vínculos mais cooperativos. Morin (2000), por sua vez, enfatiza que a educação deve favorecer o respeito à diversidade e o reconhecimento da alteridade, preparando os sujeitos para a convivência em uma sociedade plural e interdependente.

A temática "**16 Anos, Mil Sentimentos: A Jornada da Empatia Juvenil**" justifica-se pela importância do desenvolvimento da competência socioemocional na adolescência, essencial para formar cidadãos críticos e conscientes. A competência socioemocional envolve a capacidade de entender e gerenciar as próprias emoções e as dos outros, incluindo empatia e autorregulação. De acordo com Goleman (1995), essas habilidades são fundamentais para a construção de relações saudáveis. Compreender como os jovens exercem a empatia pode ajudar na criação de práticas educativas mais inclusivas e transformadoras.

Como destaca Brandão (2007), "a educação deve formar não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade, estimulando a solidariedade e o respeito mútuo". Compreender a empatia no contexto juvenil vai além do comportamento individual, sendo essencial para a construção de sujeitos capazes de lidar com as diferenças e enfrentar os desafios sociais. Discutir a empatia na adolescência é, portanto, repensar o papel da educação na promoção de uma sociedade mais justa e solidária.

2 OBJETIVO

Investigar como adolescentes de 16 anos, de ambos os sexos, respondem emocionalmente e cognitivamente a situações hipotéticas, observando possíveis variações relacionadas ao gênero.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Participantes

A pesquisa contou com a participação de 22 adolescentes, todos com 16 anos de idade, sendo 15 do sexo feminino (68,2%) e 7 do sexo masculino (31,8%). Os participantes foram recrutados por meio de divulgação do link do questionário em redes sociais e em grupos de estudantes vinculados ao IFTO – Campus Araguaína. A participação ocorreu de forma voluntária, sem qualquer tipo de incentivo, e todas as respostas foram registradas de maneira anônima. A coleta de dados foi realizada no período de 23 de julho a 30 de julho de 2023.

3.2 Instrumentos

Foi utilizado um questionário digital elaborado na plataforma Google Forms, acessível por dispositivos com conexão à internet. O instrumento continha três narrativas curtas, escritas em primeira pessoa, que descreviam dilemas pessoais com potencial para suscitar respostas emocionais diversas. A primeira situação apresentava um estudante reprovado por falta de empenho, mas arrependido de suas atitudes. A segunda trazia a história de uma mulher que retorna a um relacionamento abusivo por dependência emocional. A terceira narrativa abordava a decisão de uma mulher que opta pelo aborto devido a dificuldades financeiras extremas.

Após a leitura de cada narrativa, os participantes eram convidados a responder à pergunta: "Como você se sentiu ao ler isso?", podendo escolher entre as opções de compaixão, tristeza, raiva, julgamento ou indiferença.

3.3 Procedimentos

O formulário foi disponibilizado por meio de um link, compartilhado em redes sociais, permanecendo ativo por sete dias consecutivos. Antes de iniciar, o participante foi informado sobre os objetivos da pesquisa e garantido o sigilo das respostas. Não foram coletados dados pessoais que pudessem identificar os respondentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário 22 adolescentes com 16 anos, sendo 15 do sexo feminino (68,2%) e 7 do sexo masculino (31,8%). A seguir, a Tabela 1 apresenta a distribuição das respostas empáticas e não empáticas dos participantes, discriminadas por gênero e pelo tipo de situação apresentada. Observa-se que a manifestação de empatia variou de acordo com o contexto narrativo, evidenciando diferenças significativas tanto entre as situações quanto entre os gêneros.

Tabela 1 – Distribuição das reações de empatia segundo gênero e contexto.

Contexto apresentado	Feminino - empática	Feminino - não empática	Masculino - empático	Masculino - não empático	Total - empáticos	Total - não empáticos
Aluno reprovado por desmotivação	11 (73,3%)	4 (26,7%)	5 (71,4%)	2 (28,6%)	16 (72,7%)	6 (27,3%)
Reinício de vínculo abusivo	10 (66,7%)	5 (33,3%)	2 (28,6%)	5 (71,4%)	12 (54,5%)	10 (45,5%)
Interrupção da gravidez por dificuldades econômicas	10 (66,7%)	5 (33,3%)	1 (14,3%)	6 (85,7%)	11 (50,0%)	11 (50,0%)

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na primeira situação, sobre o estudante reprovado por desmotivação, 72,7% dos participantes demonstraram empatia. Isso indica que o arrependimento e a responsabilidade pessoal facilitam a compreensão emocional. Como destacam Eisenberg e Strayer (1987), “a empatia tende a ser mais facilmente evocada quando o indivíduo percebe arrependimento e desejo de reparação.”

Na segunda situação, que envolve o retorno a um relacionamento abusivo, a empatia caiu para 54,5%. A complexidade do tema e julgamentos morais podem ter dificultado a identificação dos participantes. Batson (1991) afirma que “a empatia pode ser afetada por preconceitos e julgamentos morais que limitam a capacidade de se colocar no lugar do outro.”

Na terceira narrativa, sobre aborto por dificuldades financeiras, apenas 50% dos participantes foram empáticos. O tema controverso pode gerar respostas polarizadas, influenciadas por valores pessoais e culturais. Goleman (1995) observa que “situações que envolvem dilemas morais complexos desafiam a empatia, pois ativam respostas emocionais conflitantes.”

Esses resultados mostram que o conteúdo emocional e moral das narrativas influencia mais a empatia do que características individuais como gênero. Isso reforça a complexidade da empatia e a

importância de debater temas sensíveis para ampliar a compreensão afetiva dos jovens (Davis, 1983; Mestre et al, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que as respostas empáticas de adolescentes de 16 anos variam conforme o tema apresentado e o gênero do participante, confirmando a hipótese de que esses fatores influenciam a empatia. Assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados ao identificar essas diferenças significativas.

Entretanto, o estudo apresenta limitações, como a amostra limitada e o caráter regional, o que restringe a generalização dos achados. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem a amostragem e investiguem outros grupos etários para ampliar a compreensão sobre o tema..

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFTO pelo fomento e apoio na execução do projeto, que possibilitou a realização desta pesquisa, bem como pela concessão da bolsa de Iniciação Científica, fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

REFERÊNCIAS

BATSON, C. D. *Altruism in humans*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação que queremos: reflexões sobre o ensino e a prática pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2007.

DAVIS, M. H. Measuring individual differences in empathy: evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 44, n. 1, p. 113–126, 1983.

EISENBERG, N.; STRAYER, J. *Empathy and its development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

GLOVER, L.; KAHN, A.; MATHESON, K. Understanding emotional responses to abortion. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, v. 35, n. 3, p. 274–284, 2017. DOI: 10.1080/02646838.2016.1250277.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MESTRE, M. V.; SAMPER, P.; FRÍAS, M. D.; TUR, A. M. Emotional and cognitive empathy in adolescents: a sex-role socialization perspective. *Sex Roles*, v. 61, n. 7–8, p. 496–506, 2009. DOI: 10.1007/s11199-009-9635-9.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.